Análise MENSAL

# Macroeconomia

OUTUBRO DE 2017

## 1. INTRODUÇÃO

Pela primeira vez desde a crise financeira global de 2008, tanto mercados emergentes quanto países industrializados vão apresentar crescimento no PIB ao mesmo tempo.

A recuperação agora não se dá mais no consumo, mas também nas empresas. Anteriormente, o crescimento estava mais ligado ao consumo das famílias que ao desempenho das empresas, que estava fraco desde a crise.

Apesar disso, a economia não se apresenta tão forte como era antes da crise de 10 anos atrás: a alavancagem diminuiu nos bancos, mas está disparada na economia como um todo: o risco passou de privado para público, e não parece que os governos estejam se movendo para reduzir essa dúvida.

Um dos sinais disso são os juros baixos praticados por muitas economias desenvolvidas, o que gerou distorções em setores da economia como o imobiliário ou o exportador, além de tornar as pessoas mais dependentes do sistema bancário.

Para o Brasil, a discussão acerca de uma bolha imobiliária parece ter ficado para trás, pois o setor de construção civil foi um dos mais afetados com a crise econômica. O setor, recentemente, apresenta recuperação e os preços podem voltar a subir.

Com a tendência de queda de juros, que deve baixar de 8,25% para 7% em 2018, essa recuperação no mercado imobiliário deve continuar e ajudar o produto interno bruto a crescer.

## 2. PANORAMA INTERNACIONAL

A economia norte-americana segue aquecida, com os melhores números em relação ao trimestre anterior desde 2014, com números bons no consumo e no investimento em negócios. Esse crescimento pouco influenciará a demanda sobre produtos, mas é uma boa notícia para produtores brasileiros de laranja e de álcool para bebidas, que são dois mercados que devem crescer nesse cenário.

O Governo Trump segue tentando reduzir impostos e gastos, mas não está tendo sucesso na negociação com sua própria base e com os democratas. Além disso, a destruição do furacão Irma gerou gastos de 15,25 bilhões.

Os bons números da inflação, que está bem baixa, devem evitar novos aumentos de juros esse ano. Para 2018, porém, a taxa pode chegar a 2%,

O dólar segue em baixa em relação a muitas moedas, e mesmo se Trump conseguir uma política fiscal mais conservadora, o dólar não deve se beneficiar tanto. Para o exportador brasileiro, é uma notícia ruim, pois encareceria o produto nacional em termos de moeda norte-americana.

Apesar disso, o déficit comercial americano continua em um nível muito elevado, e a desvalorização da moeda norte-americana pode ajudar a diminuir esse déficit.

A economia canadense está bem aquecida, com perspectiva de crescimento de cerca de 3,1%, mas a tendência é de aumento nos juros, pois os gastos governamentais estão muito elevados. Como o Canadá importa bastante açúcar e café, esses setores devem se beneficiar do crescimento desse país.

A Índia está crescendo mais lentamente que o esperado (6,5% projetados para 2017 contra 7,6% em 2016), mas se recusa a afrouxar a política fiscal para mudar essa realidade, pois a tendência de médio-prazo é um crescimento muito mais robusto. Como o problema fiscal na Índia é sério, a escolha faz sentido.

O euro deve continuar se valorizando em relação ao dólar. Essa notícia é boa para os exportadores brasileiros, principalmente os cafeicultores, que tem seu principal mercado na Europa.

Como a inflação está controlada, o Banco Central Europeu deve continuar comprando títulos dos bancos nacionais após o fim do mandato dessas políticas, em dezembro, e provavelmente aumentará o valor dessas compras.

Apesar do crescimento no PIB japonês, não foi visto um aumento de salários e nem na inflação.

A China está crescendo mais em consumo que em investimento, mas as metas de crescimento estão sendo atingidas, o que coloca o atual comando do país em uma situação boa perante o congresso do partido comunista.

Leandro Menegon Corder – Analista de Mercado E-mail: leandro.corder@conab.gov.br Tel: (61) 3312-6251
Renato Antonio Henz – Técnico de Planejamento E-mail: renato.henz@conab.gov.br Tel: (61) 3312-6251

Em relação aos produtores brasileiros, a China anunciou uma mistura obrigatória de 10% de etanol ao álcool a partir de 2020, o que deve elevar e muito a demanda por etanol de cana e de milho.

O Irã está em uma crise econômica pesada com o atual patamar de preços do petróleo, com uma inflação muito acima do crescimento do PIB, que é uma má notícia para exportadores de milho e carne, que tem no Irã um grande comprador.

Com a crise com a vizinha do norte, a Coreia do Sul está sofrendo muito com o baixo consumo e com a pouca geração de empregos no país nesse momento de crise. Os índices de confiança do consumidor estão caindo, mesmo com as exportações em alta.

A economia da Malásia está em alta, devendo crescer 5,4% esse ano, considerando que já houve crescimento do PIB malaio de 4,2% em 2016. O país está em meio a uma discussão sobre o efeito das culturas de palma na OMC, devido ao excesso de desmatamento na região. Por consequência disso, países europeus estão começando a limitar a importação do óleo de palma da região.

O petróleo segue com preços baixos, mas uma análise fundamentalista mostra que a demanda está um pouco acima da oferta e deve continuar assim nos próximos anos, pois a OPEP deve manter a produção baixa com um modesto déficit de oferta.

## 3. BRASIL

O FMI, em seu relatório recém lançado, prevê um crescimento maior para o Brasil em 2017, para 0,7%, contra 0,2% do último relatório. Segundo o último Boletim Focus, o crescimento deve ficar em 0,39%.

Ainda segundo esse relatório, a inflação deve ceder ainda mais em 2017, ficando em 3,45% no relatório de 06/10, abaixo da previsão do mês anterior.

As expectativas inflacionárias continuam a cair, o que pode levar o governo a continuar reduzindo juros, só que em um ritmo menor, segundo o próprio presidente do Banco Central, Ilan Goldfajn.

Na última reunião, o Copom baixou a taxa Selic em 1pp, para 8,25% ao ano. Na próxima reunião, de 24/10,

O desemprego, de acordo com a PNAD, entre abril e junho de 2017 ficou em 12,6%, com uma queda relevante de 0,7%, pois é o período de contratações para o Natal. O problema é que mais da metade desse crescimento no emprego se deu sem carteira assinada ou por conta própria.

O índice de confiança empresarial subiu 0,6% em setembro, mas os dados sobre ociosidade mostram que ainda há muito a crescer. O índice de confiança do consumidor finalmente voltou a subir, pela melhora na situação de emprego e a estabilização da crise política.

O Real se manteve próximo dos 3,15 em relação ao dólar, pois o momento de atração da moeda americana com um possível aumento de juros nos EUA foi adiado.

A recuperação dos preços das commodities, se continuar forte, deve ajudar o real a se valorizar, pois muito de nossas exportações são de commodities minerais e agrícolas.

O déficit do governo segue altíssimo e, apesar de dados mostrarem que ele pode vir mais baixo que o esperado, há de se fazer algo para reduzir gastos, o que não está sendo feito pelo governo brasileiro.

Com a melhora nas contas e nos números, como foi visto aqui, o perigo é que as reformas, necessárias para um crescimento mais sustentável da economia no futuro, sejam deixadas para trás.

Com o afastamento da ameaça de queda de mais um governo, visto que a situação no congresso parece estar controlada e o mandato do procurador-geral, Rodrigo Janot, acabou, resta agora entrar nas incertezas das eleições de 2018 e acreditar que, pelo atual presidente Temer não ter ambição de se reeleger, que sejam feitas as reformas.

Leandro Menegon Corder – Analista de Mercado E-mail: leandro.corder@conab.gov.br Tel: (61) 3312-6251
Renato Antonio Henz – Técnico de Planejamento E-mail: renato.henz@conab.gov.br Tel: (61) 3312-6251